

**NÓS, VOCÊS E ELES: A LUTA PELA REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS  
NA ARENA DAS CARTILHAS**

*US, YOU, THEM: THE STRUGGLE FOR THE REPRESENTATION OF  
INDIGENOUS PEOPLE IN THE BOOKLET ARENA*

*NOSOTROS, USTED Y ELLOS: LA LUCHA POR LA REPRESENTACIÓN DE  
LOS INDÍGENAS EN LA ARENA DE FOLLETOS*

Miguel Mendes  
PUC - Rio  
*migmendes@terra.com.br*

**Resumo**

O comportamento racista é difundido e reproduzido por meio de representações sociais. Essas representações circulam pelos livros escolares e pelos veículos de comunicação. Em relação à representação dos indígenas no Brasil, um estudo feito pelo antropólogo Everardo Rocha apontou que os livros escolares se caracterizavam principalmente pela superficialidade. Esse fato confirma que, segundo Hall, a estereotipização é um dos mecanismos do racismo. Tal estudo serviu de modelo para este artigo, que analisa, conforme a metodologia de Fairclough, o discurso de oito cartilhas de comunicação em que os indígenas são representados. Verificamos tratamentos distintos à questão de como representar indígenas. Houve aprofundamento. No entanto, concluímos que o discurso das cartilhas ainda evidencia o distanciamento que a sociedade industrial mantém em relação às sociedades indígenas em geral e constatamos um problema de comunicação.

**Palavras-chave:** representações sociais, cartilhas, indígenas.

**Abstract**

Racist behavior is widespread and reproduced through social representations. These representations circulate in textbooks and the media. As regards the representation of indigenous people in Brazil, a study by anthropologist Everardo Rocha pointed out that textbooks were characterized mainly by superficiality. This fact confirms that, according to Hall, stereotyping is one of the mechanisms of racism. That study served as a model for this article, which analyzes, according to the methodology of Fairclough, discourse eight booklets in which indigenous people are represented. We find different treatments to the question of how to represent indigenous people in booklets. There was deepening. However, we conclude that the discourse of booklets also shows the distance that industrial society holds towards indigenous societies and we have found there is a communication problem.

**Key words:** social representations. booklets. indigenous people.

## Resumen

El comportamiento racista é extendido y se reproduce a través de las representaciones sociales. Estas representaciones circulan en los libros de texto y los medios de comunicación. En cuanto a la representación de los pueblos indígenas en Brasil, un estudio realizado por la antropóloga Everardo Rocha señaló que los libros de texto se caracterizaron principalmente por la superficialidad. Este hecho confirma que, de acuerdo con Hall, la estereotipización es una de los mecanismos de racismo. Este estudio sirvió de modelo para este artículo, que analiza, de acuerdo con la metodología de Fairclough, el discurso de ocho folletos de comunicación en el que están representados los pueblos indígenas. Encontramos diferentes tratamientos a la cuestión de cómo representar los pueblos indígenas. No se profundizaba. Sin embargo, llegamos a la conclusión de que el discurso de los libros de texto también muestra la distancia que la sociedad industrial sostiene hacia sociedades indígenas en general y encontramos un problema de comunicación.

**Palabras clave:** representaciones sociales. folletos. indígenas.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons

## 1 INTRODUÇÃO

Há concordância sobre a noção de que o racismo se transmite e se reproduz por meio de representações sociais. Stuart Hall, escrevendo sobre a representação do “outro”, aponta o mecanismo de estereotipização como sendo o responsável pela manutenção da distância entre as “raças” segundo os interesses em jogo.

Segundo Hall, tipificar é essencial para dar sentido ao mundo. Categorizar e classificar são fundamentos da cultura. Cada pessoa nova que encontramos, nós associamos a alguns tipos conhecidos para formar uma representação combinatória. Essas categorias (ou tipos) devem ser amplamente conhecidas e não devem mudar demais com o tempo, para servirem ao propósito. O que acontece na estereotipização é que a representação de um sujeito é reduzida a apenas umas poucas categorias, com valor exagerado, e é dito que ele nunca vai mudar, pois aquela é sua natureza. Culpar a natureza pela diferença é fixar para sempre a diferença. Características que desmentem os estereótipos são rejeitadas ou não são vistas, já que o objetivo é manter fronteiras bem claras. Estereotipização ocorre onde há grande desigualdade de poder. Estereotipar é um elemento-chave no exercício de violência simbólica: ter o poder de representar o outro de certa maneira que enfraquece esse “outro” e apoia a manutenção do mesmo poder.

Para Serge Moscovici, sob a perspectiva de sua psicologia social, o conhecimento não é espelho da realidade; é sempre produzido pela interação e comunicação e expressa os



interesses humanos e sociais envolvidos. Representações são construções sociais e, uma vez criadas, circulam e interagem com outras, são apropriadas por grupos, resgatadas, combatidas, etc. Então, para entender uma representação, precisamos saber o que a precedeu, a que outras representações ela responde. Representações cuja origem já se perdeu são as mais sólidas; ganham status de “naturais”.

Para mim, o racismo e tudo o mais foi sempre uma questão de crença das massas, não de preconceitos ou estereótipos. Os que mobilizaram as pessoas para criar este mundo moderno, ao menos é assim que os vejo, colocaram a si mesmos essa pergunta de Platão: como pode alguém dar às ideias filosóficas o poder de ideias míticas, isto é, como pode alguém dar às ideias científicas o poder de ideias religiosas? (MOSCOVICI, 2003, p.343)

Na crença, a pessoa não se relaciona da mesma forma como um sujeito em relação a um objeto, mas de forma íntima, como um homem à sua casa, uma pessoa à sua identidade. É um paradigma, construído ao longo do tempo, e não pode ser julgado falso ou verdadeiro. Por isso, uma representação social pode ser contrária às informações e aos raciocínios objetivos. Absorvemos as representações sociais na infância, junto com a língua materna.

Um meio de comunicação em que as representações sociais e os estereótipos abundam e são transmitidos a crianças, jovens e adultos é a publicação de cartilhas. Quando falamos de cartilha como um gênero de publicação, precisamos ter cuidado de caracterizá-la em relação a outros gêneros homônimos. No âmbito deste estudo, não tratamos, de maneira alguma, de cartilha na acepção de livro de apoio à alfabetização, conforme a definição do Dicionário Houaiss: “livro que ensina os primeiros rudimentos de leitura”. Outra acepção da palavra é mais próxima da nossa definição: “padrão de comportamento ou maneira de ser” ou “compêndio elementar ou rudimentos de arte, ciência ou doutrina”, esta última definida no Dicionário Aurélio. Cartilha, aqui, entende-se como uma publicação de formato pequeno, geralmente muito ilustrada, de poucas páginas e de distribuição gratuita, criada com o propósito de informar públicos pouco habituados à leitura sobre assuntos de interesse social. A cartilha, na maioria das vezes, é produzida e distribuída por órgãos do Estado (ministérios, secretarias de estado, autarquias, etc); muitas vezes, por ONGs (associações, fundações, sindicatos, etc) e algumas vezes por empresas privadas. Nosso objeto de estudo é esse gênero de publicação normalmente ligado à atividade de propaganda e comunicação pública. Desejamos também diferenciar o conceito de cartilha do conceito de manual. Manuais também são publicações de poucas páginas, apoiam o texto em ilustrações ou fotos e geralmente são gratuitos. Porém, destinam-se a públicos que voluntariamente os leem por

algum motivo profissional. A atenção dos leitores não precisa ser capturada para a leitura e a técnica narrativa pode ser simplesmente objetiva ou didática. Cartilhas, por outro lado, são destinadas a públicos mais amplos e heterogêneos que não buscaram voluntariamente a publicação e precisam ser convencidos, após sua leitura e um tanto de reflexão, a mudar de comportamento ou a adotar determinadas práticas. Por esse objetivo, cartilhas precisam se valer de técnicas de persuasão, motivo pelo qual os criadores de cartilhas utilizam, além de técnicas didáticas, técnicas de publicidade e propaganda, mesmo quando não há profissionais de propaganda envolvidos.

Formalmente, cartilhas apresentam uma variedade de formatos e soluções editoriais. Algumas se parecem com gibis infantis. Outras têm a forma de simples folhetos ilustrados. Muitas, apesar de terem o patrocinador identificado, são anônimas; outras têm autor e até mesmo ficha catalográfica, como uma obra convencional. Também é possível encontrar livretos sem ilustrações com título de cartilha. No entanto, nosso objeto de estudo são apenas as cartilhas que se utilizam de meios de ilustração e design, conjugados com texto, para passarem sua mensagem, por serem as mais características. Entre os recursos de ilustração podem se incluir sequências de histórias em quadrinhos. Como esse tipo de publicação não tem distribuição regular, mas os editores buscam atingir o máximo de leitores, faz sentido analisar cartilhas disponíveis on-line e para download, tanto quanto cartilhas impressas. Assim, formamos uma coleção de 300 cartilhas ilustradas para proceder a análises.

Para examinar, dentro do universo da nossa pesquisa, a questão da representação estereotipada dos indígenas, usaremos como referência o estudo do antropólogo Everardo Rocha publicado em 1996 sob o título “*Um índio didático*”, no qual ele verificava como a categoria “índio” era representada nos livros didáticos tipicamente utilizados no ensino fundamental brasileiro.

O autor buscou, numa série de livros didáticos de História do Brasil muito difundidos, todos os trechos que tratavam dos indígenas. Surpreendeu-se com a falta de profundidade e de variedade dos textos. Todos redundavam em afirmar os mesmos parcos conceitos eurocêntricos. O teor das lições de História, nesse tema, era quase sempre de generalização – índios seriam todos iguais – e primitivismo – índios estariam em degraus inferiores da escalada do progresso. Nuances só surgiam em relação às diferentes formas que a imagem do índio (e seu primitivismo) assumia quando se aplicava a diferentes “lições” da História brasileira: “Diante da catequese, é infantil, homem aproveitável, alma virgem e carente de proteção. Diante da etnia brasileira, é força, coragem, heroísmo, amor à liberdade. Diante do

colonizador, posicionando estágios da civilização, é primitivo, selvagem e antropófago” (ROCHA, 1996, p. 69)

Neste artigo também vamos observar algumas peças de comunicação onde se representam os indígenas brasileiros e analisar qual é a imagem que se produz deles. Pretendemos procurar coincidências e distinções entre os textos, além de investigar os motivos pelos quais essa imagem é apresentada.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Em virtude da definição do *corpus* de nossa pesquisa, o contraste com o estudo “*Um índio didático*” será feito de duas maneiras ao mesmo tempo. Primeiro, porque estudaremos publicações mais recentes, de 2007 a 2014, enquanto o estudo original foi feito sobre livros publicados nas décadas de 1960 a 1980 inclusive. Em segundo lugar, porque estudaremos cartilhas de campanhas de comunicação em vez de livros didáticos. Com isso em mente, escolhemos oito cartilhas para analisar.

As quatro primeiras formam um grupo. Trata-se de uma campanha de responsabilidade do Programa de Comunicação Indígena da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e estão disponíveis para download no site da FUNAI. Essas cartilhas levantam nosso interesse porque, de um lado, são destinadas ao público indígena e de outro, naturalmente, fazem representações dos indígenas em suas páginas.

Ainda é quente o debate sobre o impacto social e ambiental do empreendimento da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Ativistas locais e internacionais, representantes de comunidades indígenas e autoridades religiosas e judiciárias ainda fazem oposição ao projeto por preverem prejuízos futuros à atividade de pesca de subsistência e à circulação de comunidades indígenas e ribeirinhas<sup>1</sup>. A produção das cartilhas “*Licenciamento Ambiental e Comunidades Indígenas*”, “*UHE Belo Monte e as comunidades indígenas – acompanhamento*”, “*Manual para o Sistema de Radiofonia*” e “*Sistema de transposição de embarcações e comunidades indígenas*” pretende dar satisfações à opinião pública sobre o cuidado que a operadora da usina terá com as comunidades indígenas.

A quinta cartilha deste corpus faz oposição óbvia às quatro primeiras. Trata-se de *Cartilha em defesa da Bacia do Rio Tapajós, seus povos e suas culturas*. Ela foi publicada pela Frente em Defesa da Amazônia e trata do projeto de cinco usinas hidrelétricas nos rios Tapajós e Jamanxim que causarão impacto social e ambiental em terras dos povos

<sup>1</sup> Conforme artigo da Wikipedia disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Usina\\_Hidrelétrica\\_de\\_Belo\\_Monte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Usina_Hidrelétrica_de_Belo_Monte) acessado em 11 fev 2015

Munduruku. A cartilha prega contra o projeto e convoca todos os leitores a se unirem e impedirem a execução dos planos governamentais.

A sexta cartilha estudada é a *Cartilha dos Direitos dos Povos Indígenas*, editada pelo COPAI – Comissão Permanente de Assuntos Indígenas da OAB do Mato Grosso do Sul, e nosso interesse nela é que seu público são as crianças estudantes do ensino fundamental, ou seja, o mesmo público dos livros didáticos.

A sétima e a oitava cartilhas foram escolhidas por terem sido escritas em grupos de trabalho formados por indígenas, o que nos possibilita verificar como indígenas representam a si mesmos em cartilhas. Uma delas se intitula *Controle Social* e foi editada pela Funasa (Fundação Nacional de Saúde). A outra é *Leishmaniose Tegumentar – controle e prevenção na terra indígena Xakriabá* e foi editada pela Escola de Saúde Pública de Minas Gerais.

Esta análise será feita com base na análise social do discurso conforme o método de Norman Fairclough (2001). Assim, o texto é observado de forma ampla. Como trataremos de cartilhas ilustradas, o que é contado por meio de imagens importará tanto quanto o que está escrito. O estudo do texto é a descrição; o estudo da prática discursiva e das práticas sociais em que ela está inserida é a interpretação. No estudo do texto, podemos observar o vocabulário ou lexicalização, as escolhas gramaticais, as convenções, a estrutura do texto, a intertextualidade (diálogo de um texto com outros) e sua coerência interna.

## 2.1 Belo Monte

As cartilhas de iniciativa da Hidrelétrica de Belo Monte foram redigidas e ilustradas pela mesma equipe, mantendo coerência. Nelas, observamos as seguintes características:

- a) Há ilustrações coloridas em todas as páginas.
- b) O texto está estruturado na forma de perguntas e respostas. As perguntas ocupam o papel de títulos em cada página.
- c) O texto é referencial, tem conteúdo técnico (siglas, procedimentos de gestão estatal e privada) e é objetivo. Usa o registro formal do idioma.
- d) O narrador se dirige ao leitor como “vocês”.

As ilustrações foram feitas por Orlando Pedroso, cartunista e ilustrador bem reconhecido no mercado. Seus trabalhos podem ser vistos frequentemente na revista *Veja*. Interpretamos a grande quantidade de ilustrações como uma premissa do projeto de comunicação, e como tentativa de tornar a publicação agradável à leitura. A ilustração tem dois papéis em publicações didáticas: decorativo, aliviando o desconforto da leitura e atraindo o olhar do leitor para a publicação; e informativo, explicitando visualmente o que ficou

ambíguo ou ininteligível no texto adjacente. Quando o projeto editorial estabelece que o público não tem fluência em leitura, o editor socorre-se em ilustrações. Mas que tipo de ilustrações? As do tipo cartum, estilizadas e coloridas, associadas às publicações de humor e publicações para crianças.

A partir dessas observações já interpretamos que a imagem que o editor faz do seu público – as comunidades indígenas do Pará afetadas pelo empreendimento de Belo Monte – é de gente sem fluência em leitura e com gosto por desenhos coloridos.

E como são representados os indígenas nas ilustrações dessas cartilhas? O ilustrador os representou em bom número, além de personagens não-índios. Os índios das ilustrações são fáceis de identificar por seguirem um padrão. Todos são pintados com tom de pele avermelhado, diferente dos personagens “brancos” que tem tons de pele claros ou escuros, mas sempre mais “secos” do que os indígenas. Os indígenas são desenhados, na maioria, como homens (os homens representam a comunidade nos assuntos públicos, é o que interpretamos), de torso nu, vestindo shorts coloridos, descalços ou vestindo chinelos de dedo. Os cabelos são pretos e arrumados de diferentes maneiras, às vezes com adereços. Interpretamos que o ilustrador pretendia representar, assim, a variedade cultural dos índios. As mulheres indígenas aparecem em menor número, sempre de vestido, sem nudez, e quase sempre com um bebê a tiracolo. Pintura corporal foi representada algumas vezes. Alguns dos personagens indígenas estão vestindo camiseta e boné. Interpretamos que o ilustrador queria representar as diferentes formas de adesão a bens de consumo industrializados.

O que mais nos incomoda nas ilustrações é o uso de enquadramentos e pontos de vista que são usuais nos cartuns, mas podem não ser bem entendidos pelo público indígena, tais como pontos de vista aéreos, que distorcem muito a representação do corpo humano, e muitas figuras humanas que aparecem cortadas pelos limites de molduras invisíveis.



**Figura. 1** – Três exemplos de ilustrações nas cartilhas de Belo Monte.

Podemos considerar que o mesmo leitor indígena capaz de acompanhar o texto em português cheio de termos técnicos terá sido habituado também à interpretação de imagens da

cultura hegemônica. Porém, o uso dessas convenções de linguagem visual demonstra má vontade com leitores que pertencem a uma realidade cultural profundamente diferente, em que a perspectiva visual, aperfeiçoada no Renascimento europeu, não faz parte do repertório cultural. Esse descuido, talvez, leve o leitor que é indígena a não se reconhecer nas ilustrações, ou a mal interpretar seu significado.

O conteúdo das cartilhas, como já notamos, é bastante técnico e o texto, apesar de objetivo, não conduz ao entendimento de leitores despreparados. Usa o jargão dos profissionais de gestão pública. Inclui organogramas, mapas cartográficos, citações de leis, siglas, datas e termos como “encaminhamentos”, “órgãos intervenientes”, “licenciamento”, “cronograma”, “componente indígena” e “parecer técnico”. Interpretamos, assim, que essas cartilhas podem se destinar a indígenas mas, no fundo, seu texto é endereçado a profissionais que fiscalizam as atividades do empreendimento em Belo Monte. São publicações “para inglês ver”.

Com frequência o narrador se refere ao leitor pelo tratamento de “vocês”. Alguns exemplos:

“Basicamente são dois os termos importantes para vocês aprenderem e são muito simples...”

“Esperamos que esta cartilha ajude a tirar as dúvidas de todos vocês.”

“Como vocês sabem, o Programa de Comunicação indígena, além de ser uma exigência da FUNAI, tem sido uma demanda constante das comunidades indígenas. Dessa forma, ninguém é obrigado a falar no rádio, mas é importante a comunidade saber que existe um sistema de comunicação para isso e que vocês podem usá-lo quando quiserem.”

“Como já foi explicado, se o empreendimento tiver algum impacto socioambiental sobre a sua comunidade ou sobre a sua terra, como a extração ilegal de madeira, ouro, ou perigo de invasões, por exemplo, deve existir um programa específico dentro do PBA, com as ações que devem ser feitas para controlar esses impactos.”

Esse fato denota que, por um lado, o redator da cartilha procura demonstrar o respeito que o empreendimento tem pelas comunidades indígenas; por outro lado, ressalta a divisão entre “nós” e “vocês”. A palavra “nós” representa o emissor da mensagem, “nós” que estamos empreendendo a usina e que estamos passando informações técnicas importantes que “vocês” não sabem, mas vamos explicar. “Vocês” são os diferentes, que não têm existência individual e supomos que estarão lendo a cartilha em grupo.

No estudo sobre os livros didáticos, Everardo Rocha falava sobre as classificações que os grupos humanos impõem uns aos outros “pela vivência dos contrastes”: “A sociedade do



*eu* é melhor, superior. É vista como a civilização, onde existe cultura, trabalho, progresso. A sociedade do *outro* é atrasada, selvagem, bárbara. É a natureza ou é qualquer coisa menos humana, pois esta somos nós” (ROCHA, 1984). Aparentemente o texto dessas cartilhas mostra evolução em relação aos livros didáticos que tachavam os indígenas de selvagens, primitivos e antropófagos que não têm fé, lei, rei<sup>2</sup>, nem roupas. Estamos, porém, longe de nos despir do eurocentrismo, quando os indígenas continuam sendo generalizados. Agora, indígenas são reduzidos a uma coletividade que só pensa numa coisa: defender “sua terra” e “sua cultura”. Continuam sendo “os outros”, reconhecidamente e, com todo o respeito, diferentes de “nós”. A pergunta é: como um leitor pode se reconhecer num texto, se ele é o “outro” desse texto?

## 2.2 - Movimento em Defesa da Bacia do Rio Tapajós

A *Cartilha em Defesa da Bacia do Rio Tapajós* obteve certa notoriedade por uma característica muito rara em publicações desse tipo: a insinuação da violência como recurso legítimo da luta que seus autores pregam. Partes dessa cartilha são tão incomuns que chamam a atenção de leitores críticos. Gerou uma pequena reportagem na Folha de S.Paulo, em 2010, de autoria de João Carlos Magalhães: *Cartilha pede reação violenta a índios e ribeirinhos da região*<sup>3</sup>. A reportagem foi prontamente repudiada pela Frente em Defesa da Amazônia, em artigo publicado em sites como o do CIMI (Conselho Indigenista Missionário)<sup>4</sup>, sob a argumentação de que a reportagem era parte de uma “iniciativa nacional de criminalização dos movimentos sociais” a mando da Confederação Nacional de Agricultura (ruralistas). A história também chamou a atenção da pesquisadora Alessandra P. de Carvalho, da UFRRJ, que publicou um breve estudo sobre a representação dos cientistas e da tecnologia nessa cartilha<sup>5</sup>.

Como se apresenta essa cartilha polêmica?

- a) É composta de uma variedade de formatos de texto: tabelas, recortes da imprensa, enumerações de argumentos, reproduções de documentos, cartas abertas e outros, além de várias fotos e gráficos.
- b) 11 das suas 32 páginas são em forma de história em quadrinhos. Apesar de compor apenas um terço do conteúdo, foi a parte da cartilha que mais chamou a atenção.

<sup>2</sup> Conforme Pero de Magalhães Gândavo em *Tratado da Terra do Brasil*.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1505201003.htm> . Acesso: 12 fev 2015

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=4694> . Acesso: 12 fev 2015

<sup>5</sup> Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/pdf/12.pdf> . Acesso em 12 fev 2015

- c) As páginas de quadrinhos se alternam regularmente com páginas de texto com gráficos ao longo da primeira parte do folheto, como se fosse uma “montagem em paralelo”.

O sustento da alegação de que a cartilha incita os indígenas e ribeirinhos à resistência violenta é um desenho de estudantes que se vê nas páginas de introdução, entre um *box* com a carta aberta do povo Munduruku e uma coluna com o índice de tópicos. O desenho, feito a lápis de cor, foi identificado pelo repórter de jornal como sendo de dois estudantes da 8ª série pertencentes “à etnia munduruku” e serviu de “capa” a um documento dos índios entregue ao Presidente Lula. Nele estão representados dois guerreiros munduruku pintados para a guerra. Um deles está armado de arco e flecha e o outro carrega a cabeça decepada de um “branco”. A legenda escrita pelos estudantes diz “guerreiros cortadores de cabeça dos pariwat (brancos)”.

Os diálogos em forma de história em quadrinhos e as páginas de textos, fotos e gráficos passam a mesma mensagem, ou seja, é possível entender tudo o que os autores querem dizer apenas lendo os quadrinhos. A diferença é que os quadrinhos são mais concisos e o texto, mais denso em informação. Como exemplo dessa estrutura textual, na página 21, enumera-se os danos ambientais informando, entre outras coisas:

Morte dos peixes migratórios, chamados de piracema – só para começar, a barragem de São Luiz dos Tapajós terá um paredão de 36 metros de altura de ponta a ponta do rio, fechando totalmente a dinâmica natural do rio. A *Eletromorte* diz que construirá escadinhas para os peixes passarem. Acontece que não há nenhuma experiência positiva no mundo em que peixes subam e desçam escadinhas artificiais nos rios. Quem afirma isso é o especialista em recursos hídricos, Glenn Switkers da ONG Rios Vivos. O que vai acontecer é que os peixes que tenham ficado para desova nas cachoeiras de cima, ao retornarem com seus filhotes caíam com a correnteza nas turbinas e sejam esmagados.

Em paralelo, na página 6, uma cena de história em quadrinhos em que dialogam um pesquisador e um pescador ribeirinho, o mesmo assunto é abordado assim:

*Pesquisador:*

– Sabe o que quer dizer impactos mínimos? Querem construir um muro de 36 metros de altura fechando o rio. Se fizerem isso, vão fazer um lago de 742 quilômetros quadrados, inundando florestas, o Parque Nacional da Amazônia, as terras dos índios...

*Pescador:*

– O quê? E como vai ficar o rio para baixo? E os peixes, como é que vão subir na piracema? E nós, como vamos poder andar de canoa e pescar?

**APRESENTAÇÃO**

Defender o rio Tapajós, mantê-lo vivo e fluindo, é para os povos do Baixo Amazonas uma questão de vida e dignidade. É preciso tomar consciência de que construir cinco hidrelétricas, como pretende o governo federal, é destruir não só os rios Tapajós e Jamanxim, mas também destruir a vida da natureza e dos povos da região. Não se pode ficar calado ou apenas murmurando indignação quando serão inundados 1.950 Km<sup>2</sup> de florestas e terras indígenas. Energia limpa pode ser lá nas empresas receptoras, mas nas bacias do Tapajós ficará a sujeira e poluição. Por isso, a carta dos índios Mundurukus é o sentimento de todos e todas que vivem nesta região e lutam pela vida.

**ÍNDICE**

1. Informações sobre o plano do Governo para o complexo Tapajós... 7
2. Complexo Tapajós - PAC - IIRSA ... 9
3. Tamanho das hidrelétricas previstas 11
4. Impactos irreversíveis das barragens na bacia do Tapajós... 13
  - Impactos econômicos ... 13
  - Impactos sociais na região do Baixo Amazonas e rodovias... 17
  - Impactos Ambientais na bacia do Tapajós... 19
5. Mentiras da EletroMorte ... 23
6. O porquê de tantas hidrelétricas ... 25
7. Belo Monte ... 27
8. Algumas questões para reflexão ... 30

**CARTAS DOS INDÍGENAS**

**Carta dos indígenas mundurukus da missão Cururu:**

Exmo. Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva  
 Exmo. Senhor Ministro das Minas e Energia, Edson Lobão e demais Autoridades responsáveis pelo setor energético do Brasil.

Nós comunidade indígena, etnia Munduruku, localizada nas margens do Rio Cururu do Alto Tapajós, em reunião na Missão São Francisco, nos dias 5 e 6 de novembro, viemos por meio deste manifestar à vossa excelência nossa preocupação com o projeto federal de construir cinco barragens no nosso Rio Tapajós e Rio Jamanxim.

Para quem vai servir? Será que o governo quer acabar toda a população da bacia do Rio Tapajós? Se apenas a barragem de São Luis for construída vai inundar mais de 730 Km<sup>2</sup>.

E daí? Onde vamos morar? No fundo do rio ou em cima da árvore? *Aximdyu'gu oceju tibibe oceadop am. Nem wasuyu, taweyu'gu dak taypajeje oceadop am. (não somos peixes para morar no fundo do rio, nem pássaros, nem macacos para morar nos galhos das árvores).*

Nos deixem em paz. Não façam essas coisas ruins. Essas barragens vão trazer destruição e morte, desrespeito e crime ambiental, por isso não aceitamos a construção das barragens. Se o governo não desistir do seu plano de barragens, já estamos unidos e preparados com mais de 1.000 (mil) guerreiros, incluindo as várias etnias e não índios.

Nós, etnia Munduruku queremos mostrar agora como acontecia com os nossos antepassados e os brancos (pariwat) quando em guerra, cortando a cabeça, como vocês veem na capa deste documento. Por isso não queremos mais ouvir sobre essas barragens na bacia do Rio Tapajós.

Por que motivo o governo não traz coisas que são importantes para a vida dos Munduruku, para suprir as necessidades que temos: como educação de qualidade, ensino médio regular, escola estadual, posto de saúde, etc.

Já moramos mais de 500 anos dentro da floresta amazônica, nunca pensamos destruir, porque nossa mata e nossa terra são nossa mãe. Portanto, não destruam o que guardamos com tanto carinho.

Subscrevemos 09 caciques – capitães em sua denominação e cerca de 60 participantes dos dois dias de encontro, na missão São Francisco do Cururu.

Missão Cururu,  
03 de novembro de 2009

Esta é a capa da carta que dois jovens estudantes da missão Cururu desenharam para a carta ao presidente Lula.

Missão São Francisco do Rio Cururu  
06 de novembro de 2009.

**Figura. 2** – Páginas 4 e 5 da cartilha da Frente em Defesa da Amazônia

Nos quadrinhos, pelo menos duas coisas são diferentes. Uma: o registro da língua é o mais informal possível, na procura de reproduzir a fala dos tipos representados ali (pescador, estudante, indígena, entre outros). Outra: a informação vem carregada de emoção, denotada pela “dramatização” realizada pelo desenhista. Somos levados a nos identificar com a revolta do pescador, representada por expressões faciais e corporais, além da premeditada divisão do diálogo em quadrinhos, que cadencia a leitura.

No tocante a representações, essas páginas em quadrinhos são um festival. Nelas estão todos os personagens que representam as categorias sociais envolvidas em ambos os lados da luta: um pesquisador dialoga com um “caboco”; uma missionária (irmã Marisol) conversa com uma mãe índia; um pescador conversa com um ativista; um peixe tambaqui conversa com peixes jaraqui; uma aluna do fundamental (Aninha) conversa com sua professora; um engenheiro da “Eletromorte” conversa com um ativista; um comerciante (Seu Adão) conversa com um ativista; um pastor (Seu Totó) conversa com uma ativista; um executivo da Eletronorte conversa com um ativista; o Ministro das Minas e Energia Edison Lobão (caracterizado como um “Lobo mau” de paletó) conversa com um cientista ativista e, por fim, um cacique confronta um operário que pretende começar as obras. Poderíamos detalhar

melhor os sinais que o desenhista utiliza para tipificar essas categorias sociais, mas nosso foco é a representação dos indígenas.

Até onde podemos saber, a autoria da cartilha foi coletiva, mas não é de indígenas. O texto ficou a cargo de Edilberto Sena e Enoy Sena; as ilustrações dos quadrinhos são creditadas a um estúdio, o Magna Arte. O padre Edilberto Sena é coordenador da Comissão Justiça e Paz da diocese de Santarém - PA. Nessas histórias, diferentemente do que acontece nas ilustrações das cartilhas da UHE Belo Monte, os indígenas não são representados passivamente, mas, pelo contrário, reagindo. Naquelas, eles se relacionam, sem voz, com o pessoal da usina. Nesta cartilha, eles confrontam os funcionários e operários da usina em diálogos densos de tensão de parte a parte.

No entanto, os poucos indígenas representados nas páginas de quadrinhos (uma mãe jovem e um cacique) ainda caem no estereótipo. O leitor que pensar em julgar os indígenas do Pará com base nessa cartilha vai ficar com a impressão de que são gente muito desconfiada e mau humorada, fechados e prontos para reagir violentamente se seu modo de vida for ameaçado. É a velha imagem romântica do índio como guerreiro nobre, incorruptível, defensor da Natureza. Uma imagem boa para herói de quadrinhos mas... Seria a representação mais fiel possível?



Figura. 3 – Página 26 da cartilha da Frente em Defesa da Amazônia

O último quadrinho da última história, significativamente, é um dramático “close up” nos olhos franzidos e pintados de guerra do cacique, que alerta: “Que está pensando, periwat? A nação Munduruku já está se organizando para a guerra. Com o apoio dos parentes de luta, vocês não entram aqui para destruir os rios Tapajós e Jamanxim”. É como se a cartilha tivesse, além da explícita função de esclarecer o problema e chamar as comunidades para o movimento, também a função de afugentar os inimigos do movimento, os quais também lerão a cartilha. Se as cartilhas de Belo Monte isolavam os indígenas com o pronome “vocês”, a cartilha de Tapajós é aquela em que os indígenas são “nós”, a começar pela primeiro texto, a carta dos caciques Munduruku ao Presidente Lula. Os indígenas é que se expressam aqui. Por outro lado, “eles” são os inimigos, os “periwat” (brancos) sobre os quais recai uma desconfiança *a priori*. Há uma inversão de expectativas desconcertante quando os “brancos” é que são estereotipados.

### 2.3 - COPAI – OAB - MS

Em relação aos livros estudados em “*Um Índio Didático*”, houve evolução quando analisamos outro tipo de cartilha, a iniciativa da OAB de Mato Grosso do Sul que se destina aos jovens leitores: *Cartilha de Direitos dos Povos Indígenas*. A publicação tem estas características:

- a) É ilustrada como um livro infanto-juvenil (desenhos estilizados e coloridos, inclusive a capa).
- b) O texto é estruturado em 17 pequenas partes, na forma de perguntas e respostas.
- c) Conclui-se com um anexo composto de 14 desenhos de escolares a respeito do tema indígena.

Suas ilustrações não são assinadas. Têm função mais decorativa do que informativa, exceto um pequeno mapa. O indígena é representado por uma criança de pele morena, vestindo uma tanga, portando arco e flecha e pintura nos olhos.

Figura. 4 – Ilustração da cartilha da OAB - MS



Em resumo, o texto da cartilha expõe características das culturas indígenas e discorre sobre os direitos dos povos indígenas e a aplicação das leis relacionadas. É um texto objetivo e apenas um pouco aprofundado, e se mantém no nível de um leitor que esteja cursando o ensino fundamental.

Um aspecto positivo é que, nessa cartilha, evita-se a generalização e a “ausência de conceitos antropológicos” que foi a tônica dos livros didáticos estudados em “Um Índio Didático”. Por exemplo, nestes trechos baseados em pesquisa etnográfica, destaca-se que os índios não são todos iguais:

A cultura indígena é extremamente rica em todos os seus aspectos e cada etnia carrega em si formas bem distintas, além de um universo inteiro pra gente descobrir (...). Você sabia que a criança Kadiweu recebe um nome quando nasce e outro quando da morte de um parente? (...). E tem muito mais. Por exemplo, são as mulheres Kadiweu que produzem as belas peças de cerâmica e se utilizam do barro e, para as cores ganharem mais vida, utilizam-se dos diferentes tons de areias encontrados, sendo alguns detalhes envernizados com a resina do palo-santo (...). Os Terena, sobretudo aqueles que residem nas aldeias mais “tradicionais” como Cachoeirinha e Bananal, utilizam os poderes dos seus “porangueiros” ou curadores, conhecidos também como xamãs (...). Os Guató fabricam arcos e flechas, bодоques, zagaia, canoas, remos e zingas, armadilhas para caçar, pau de cavouco, porrete para pesca, equipamentos domésticos e de trabalho, como objetos em madeira, conchas de moluscos, cerâmica, couro, trançados e tecelagem. A canoa manum é o principal meio de transporte dos Guató(...). E o mais bonito nisso tudo é que cada uma destas etnias têm brilho próprio nos seus distintos traços físicos, em sua singular forma de viver e de pensar, bem como nas suas expressões culturais, linguísticas e espirituais.

A análise do discurso dessa cartilha, em comparação ao estudo “Um Índio Didático”, aponta que, na comunicação, bem como no ensino, a imagem feita dos indígenas ganha papéis diferentes de acordo com o ponto que se quer enfatizar. Nos livros de História do Brasil, a categoria “índio” “empresta caracteres formadores do nosso povo na cena *etnia brasileira*, dá sentido à vinda dos padres católicos na cena da *catequese* e explica que primitivos e selvagens estavam aqui na cena dos *primeiros habitantes da terra*” (ROCHA, 1996, p.63).

Na cartilha da OAB – MS, o índio volta a desempenhar o papel de “bom selvagem” ou de componente virtuoso da população, como no trecho “Vocês sabiam que Mato Grosso do Sul é o segundo Estado do Brasil com maior número de índios? Sim, moramos num local muito abençoado e privilegiado por abrigar entre os seus habitantes tantos índios, de tão lindas e diferentes etnias” e também no trecho “Os indígenas de Mato Grosso do Sul são povos muito valentes, inteligentes, sociáveis e, acima de tudo, resistentes a toda forma de agressão e injustiça que lhes tem sido impostas no decorrer de toda a sua histórica e sofrida existência”, entre outros.

O mesmo tinha sido observado no estudo “Um Índio Didático”:

Independentemente do contexto onde se origina, o tema do amor à liberdade se torna um fato relevante na hora em que são analisadas as contribuições do índio para o caráter nacional e na formação da etnia brasileira. De forma complementar, a ideia de coragem (às vezes, audácia), se liga ao personagem do índio herói (ROCHA, 1996, p.67).

Por fim, uma menção ao anexo com desenhos escolares sobre indígenas. Não temos informação de como os desenhos foram coletados e se foram feitos com base em observação ou em imaginação. De qualquer forma, os indígenas estão representados ali da maneira convencional: homens de torso nu e calções ou tangas de penas; cocares de penas; lanças; pinturas no rosto; canoas; em cenários naturais, com árvores e rios. As mulheres, de vestido simples.

#### 2.4 - Autores indígenas

Para muitos editores de cartilhas, a melhor maneira de atingir o público-alvo e transmitir a mensagem desejada é fazer representantes do próprio público transmitirem a mensagem a si mesmos. Por isso, encontramos, não raro, cartilhas escritas por grupos de trabalho em que educadores coordenam a redação coletiva. Um desses casos é a cartilha da Leishmaniose, da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais. Na apresentação, está bem explícito esse projeto:

A cartilha foi construída nos moldes de uma narrativa, juntamente com membros da Reserva Indígena Xakriabá, como educadores, profissionais de saúde e outros moradores das aldeias Imbaúbas e Morro Falhado. Essa construção conjunta foi importante para que os moradores da reserva se identificassem com a causa, se sentissem parte do processo e se tornassem corresponsáveis na prevenção da Leishmaniose Tegumentar.

Essa narrativa, no caso, não é uma história propriamente dita, com enredo e ação. É um depoimento ou relato:

Nós somos o povo Xakriabá, a maior etnia indígena da região sudeste do Brasil. Vivemos em um ambiente lindo e prazeroso para morar, que fica perto do município de São João das Missões. Aqui é um lugar bom para se viver, mas é fácil de pegar a Leishmaniose Tegumentar. Isso porque moramos perto de morros que têm muitas pedras, a mata é muito úmida e lá têm muitos bichos do mato (ratos, gambás, preás, rabudos, saruê, e outros bichos).

Paralelamente a esse relato, que apenas repete o que os educadores e profissionais de saúde ensinaram, os editores publicam trechos de depoimentos de alguns moradores da comunidade, sobre o que sabem da doença. Por exemplo: “[...] porque a doença é do mosquito né... Dizem que eles picam um bicho lá do mato e, e às vezes, o bicho já tá contaminado. Aí eles, o mosquito, ficam contaminados, aí eles vêm e pica a pessoa e vai para o sangue, né?”. Todos os trechos são assim, transcritos conforme se fala, e apenas reproduzem, em outras palavras, as mensagens técnico-científicas que os profissionais de saúde passaram. Em comparação com as cartilhas de Belo Monte, se destaca a escolha de escrever o texto em primeira pessoa. Aqui o narrador fala de “nós” e lá, fala de “vocês”. Aqui o texto é muito

cuidadoso em incluir a comunidade indígena em todo o processo de cuidar de suas questões de saúde. Outra característica aqui é o uso de palavras mais simples e populares no texto, certamente em busca de ser acessível à maioria dos habitantes da comunidade:

Então, caso apareça alguma ferida, caroço, perebas e furúnculos é importante ir ao posto de saúde rapidamente antes que as feridas cresçam. É lá que iremos saber se estamos com Leishmaniose Tegumentar. Se for mesmo a Leishmaniose Tegumentar, precisamos tomar todas as injeções para nos curarmos.

Mais uma vez, apesar das boas intenções, essa opção de discurso revela que os editores de cartilhas para público indígena consideram-no um público que, para captar a mensagem, exige texto facilitado, abaixado, portanto, ao seu nível de entendimento. Pronto! Agora a publicação conota, involuntariamente, que o indígena é “primitivo”. Nesse sentido, pouco mudou desde “*Um Índio Didático*”. Notável é que a cartilha é ilustrada com desenhos feitos por crianças, jovens e adultos da comunidade. Assim, poderíamos ver como esses indígenas representam a si mesmos. Todos os desenhos publicados representam explicitamente as lições de prevenção: mostram os mosquitos e os ambientes em que costumam picar as pessoas. Em comparação com o trabalho dos ilustradores profissionais, notamos que, nos desenhos dos estudantes da comunidade Xakriabá não se representou a cor da pele com nenhum tom. Aos nossos olhos, em nada se diferenciam de desenhos de estudantes não-indios.



**Figura 5** – Desenhos de estudantes Xakriabá publicados na cartilha da Escola de Saúde Pública – MG.



Outra iniciativa de produzir uma cartilha com a participação de representantes do próprio povo indígena é *O Controle Social*, da Funasa. A presidência da Funasa apresenta, na primeira página, a cartilha como “fruto de um trabalho em equipe, que reuniu diversos colaboradores entre técnicos da Funasa, cinco representantes do Fórum de Presidentes dos Conselhos Distritais de Saúde Indígena e um do Conselho Local e técnicos de dois Distritos Sanitários Especiais Indígenas (Dseis)”. A ficha técnica da cartilha informa que empenharam-se 14 pessoas na elaboração, duas no projeto gráfico e ilustrações e três profissionais da assessoria de comunicação da Funasa na finalização.

Essa cartilha permite comparações significativas com as de Belo Monte, nosso primeiro exemplo, e a do movimento da Bacia do Rio Tapajós. Assim como nas ilustrações de Orlando Pedroso para a de Belo Monte, nesta cartilha de autoria coletiva também se usam figuras humanas cortadas por limites invisíveis e, também, uma profusão de montagens de figuras de personagens, cenários e elementos icônicos que são lidos corretamente somente por público já experiente com a linguagem visual das histórias em quadrinhos. Algumas figuras devem até mesmo ser incompreensíveis para leitores treinados. Isso é notável, pois imaginamos que a cartilha é feita para ser facilmente compreendida.



Figura. 6 – Reprodução de duas páginas da cartilha *O Controle Social* da Funasa.

Aqui aparece o conceito de que existem “doenças de índio e doenças de branco”. A entidade reconhece que as culturas indígenas já tratam da saúde de seus membros de maneira “tradicional”, sempre que o mal estar é reconhecido dentro de suas culturas. Quando surgem problemas de saúde ligados ao convívio com a sociedade urbana, o tratamento é desconhecido

para os indígenas e, então, “o governo” passa a “cuidar do índio”. Os autores de *O Controle Social* apostaram nas ilustrações do começo ao fim e optaram pela forma de uma história em quadrinhos (no caso, cada página é um quadrinho), com o texto todo na forma de diálogos escritos em balões. No entanto, a história não tem enredo nem ação. É apenas um pretexto para colocar, na boca dos personagens indígenas, o texto que a autoridade governamental gostaria de dizer: a saúde indígena, agora, tem uma estrutura de conselhos que funciona de certa forma e é importante a participação dos índios. Ponto. Sobre a imagem que se apresenta dos indígenas na cartilha *O Controle Social*, os ilustradores representam indígenas com pinturas corporais, adereços e cortes de cabelo variados, como convém a quem deseja reconhecer a multiculturalidade. Todos os personagens são caracterizados usando peças de roupa industrializada, como camisetas, calças compridas e bermudas.

### 3. CONSIDERAÇÕES

Em todas as cartilhas analisadas, os indígenas são reconhecidos como pertencentes a culturas próprias, simbolicamente ricas e diferentes entre si, detentores de direitos e prontos a exercer cidadania. Há um esforço dos autores de cartilha para não generalizar a representação dos indígenas.

No entanto, persiste o estranhamento por parte da sociedade industrial, produtora das cartilhas, em relação ao “outro”, a sociedade dita primitiva. Existe muito cuidado e muito distanciamento no tratamento desses outros. Cuidado, quando os produtores de cartilha encenam a inclusão dos indígenas na autoria do texto, com a narrativa em primeira pessoa, por exemplo; distanciamento, quando são tratados na forma de “vocês”. Para efeito deste raciocínio, ambas as formas dão no mesmo: suas culturas podem até conviver, mas os representantes da cultura civilizada, produtores das cartilhas, não parecem ter a intenção de assumir o ponto de vista dos indígenas de quem falam e a quem falam. Atestam uma dificuldade de seguir outros modelos de raciocínio que caracterizam as culturas indígenas e tradicionais, como aqueles aos quais nos chamou a atenção Lévi-Strauss em sua obra *O pensamento selvagem*. Apesar de todo esforço, alguns estereótipos ainda persistem e, como todo estereótipo, apresentam argumentos contraditórios: os indígenas são “nobres”, detentores de qualidades “puras” e “naturais” que emprestam à sociedade brasileira. Assim (destacando parte do discurso das diferentes cartilhas), eles não falham e tudo que fazem é exemplo a ser seguido. Porém, eles formam as sociedades da “falta” (falta de saúde, falta de renda, falta de educação), sempre carentes daquilo que o “governo” deve a eles. E que, devido à carência, é

preciso se comunicar com eles num tipo de linguagem facilitada e apoiada em recursos visuais.

Os antropólogos nos mostram que as culturas indígenas não são culturas da "falta", mas que, em relação à cultura dominante, apresentam outros modos de pensar o mundo e de expressar esses pensamentos, modos fundamentalmente diferentes do dominante, a ponto de parecerem incompreensíveis e incompletos (ou primitivos) no primeiro contato. Portanto, é de se esperar dificuldades na comunicação entre essas culturas. Haverá dificuldade em trazer as histórias e modos de pensar de culturas indígenas para o cenário de uma publicação como as cartilhas de comunicação pública e haverá dificuldade em levar informações da cultura dominante para o público indígena. Como persuadir qualquer público para adotar determinada mudança de comportamento (pense no caso das cartilhas de saúde), se, de início, o público não se vê representado no discurso? Se o público não reconhece ser o destinatário da mensagem? Mantém-se um estranhamento de parte a parte. As cartilhas, dependendo de que agentes sociais as publicam, podem chegar mais ou menos próximas da representação que os próprios indígenas fazem de si. Detectamos mesmo uma luta pela representação dos indígenas em cartilhas, principalmente se compararmos as cartilhas da FUNAI/Belo Monte com as da Frente em Defesa da Amazônia, em que se usa a mesma “arma” comunicacional – a cartilha – em lados opostos. Porém, nossa hipótese é que o gênero da cartilha carrega consigo modelos de argumentação e técnicas de persuasão engendradas durante a construção da sociedade moderna, e que estão intimamente ligados aos processos civilizatórios e disciplinadores. Enquanto os autores de cartilha basearem-se nesses modelos existentes tenderão a usar lentes eurocêntricas para enxergar qualquer assunto e representar qualquer objeto. É difícil, mas modelos criativos, criados com a participação de autores crescidos em culturas indígenas, devem ser buscados por quem vier a produzir novas cartilhas, o que poderá alterar profundamente a forma de seus discursos, as vias de distribuição e as formas de uso pelos leitores.

## REFERÊNCIAS

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

\_\_\_\_\_, **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Leishmaniose Tegumentar**: Controle e Prevenção na terra indígena Xakriabá, Belo Horizonte, [2013]. Disponível em < [www.canalminassaude.com.br/publicacoes/1/cartilha/](http://www.canalminassaude.com.br/publicacoes/1/cartilha/)> acessado em: 23 mai 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2001.

FUNASA, **Controle Social**, Brasília, sem data. Disponível em <[www.saude.mt.gov.br/arquivo/1235](http://www.saude.mt.gov.br/arquivo/1235)> acessado em: 23 mai 2014.

FRENTE EM DEFESA DA AMAZÔNIA. **Cartilha em defesa da Bacia do Rio Tapajós, seus povos e culturas**. Itaituba, 2010. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/fdastm/cartilha-complexo-tapajs>> acessado em: 12 fev 2015.

HALL, Stuart, The spectacle of others. In: **Representation: cultural representation and signifying practices**. Londres: Sage Publications, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**, Campinas: Papyrus, 2013.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL – MS. **Cartilha de direitos dos povos indígenas**. Campo Grande, [2012]. Disponível em <[http://www.oabms.org.br/Biblioteca\\_Virtual/34/Cartilha-de-Direito-dos-Povos-Indigenas--Copai-OABMS](http://www.oabms.org.br/Biblioteca_Virtual/34/Cartilha-de-Direito-dos-Povos-Indigenas--Copai-OABMS)> acessado em: 23 mai 2014.

PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO INDÍGENA UHE BELO MONTE . **UHE Belo Monte e as comunidades indígenas – acompanhamento**, Brasília, 2011. Disponível em <<http://www.funai.gov.br/index.php/outras-publicacoes>> acessado em: 23 mai 2014.

\_\_\_\_\_. **Licenciamento ambiental e comunidades indígenas**, Brasília, 2011. Disponível em <<http://www.funai.gov.br/index.php/outras-publicacoes>> acessado em: 23 mai 2014.

\_\_\_\_\_. **Manual para os usuários do sistema de radiofonia**, Brasília, 2011. Disponível em <<http://www.funai.gov.br/index.php/outras-publicacoes>> acessado em: 23 mai 2014.

\_\_\_\_\_. **Sistema de transposição de embarcações e as comunidades indígenas**, Brasília, 2012. Disponível em <<http://www.funai.gov.br/index.php/outras-publicacoes>> acessado em: 23 mai 2014.

ROCHA, Everardo. Um Índio Didático. In: **Jogo de Espelhos, Ensaios de Cultura Brasileira**, Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

\_\_\_\_\_. **O que é etnocentrismo**, São Paulo: Brasiliense, 1984.

*Original recebido em: 13/02/2015*  
*Aceito para publicação em: 07/08/2015*

*Resumo sobre o autor*

Mestrando do PPG em Comunicação Social da PUC-Rio. Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela PUC-Rio (1990). Tem experiência profissional na área editorial e de artes gráficas, com ênfase em cartilhas de campanhas públicas, paradidáticos, história em quadrinhos e literatura infanto-juvenil.